

11. Sem apoio

Muito próximo do termo *infirmitas*, como falta de firmeza, está um termo que a Regra utiliza 4 vezes: o termo *imbecillitas*. Hoje, em algumas línguas, chamar alguém de imbecil é um insulto. Na época de São Bento, ao invés, designava uma grande fragilidade de forças, sobretudo físicas. A etimologia de "*imbecillis* – imbecil" é interessante: é composto de "*in*" e de "*becillum*", que deriva de *bacillum*, que é um diminutivo de *baculum*, que significa bastão. É um termo que, originalmente, designava aqueles que não tem bastão para se apoiar, para estar de pé, apesar de não ter forças.

Não foi por acaso, portanto, que na Regra se fala de *imbecillitas* dos monges anciãos e das crianças, no capítulo 37, sobre qual voltaremos, porque é muito importante para compreender o sentido de misericórdia para São Bento. Neste se diz, portanto: "considere sempre a fraqueza que lhes é própria (*consideretur semper in eis imbecillitas*), e não se mantenha para com eles o rigor da Regra no que diz respeito aos alimentos" (RB 37,2).

Os anciãos e as crianças não são doentes, mas representam as idades, que necessitam de especial apoio dos outros, neste caso dos alimentos mais consistentes, do que os permitidos pela Regra para quem está na idade que tem força.

No capítulo 35, a ideia abrange a todos aqueles que, por uma razão ou outra, são mais fracos. Aqui se trata do serviço da cozinha, que era confiado, por turnos, a todos os monges, por uma semana. Um trabalho muito pesado. Por isso, São Bento, após dizer que todos devem fazer, se apressa em pensar nos mais fracos, antes ainda de descrever extensamente e em todos os detalhes, como se deve executar este serviço. Em São Bento há sempre uma atenção prioritária pelos mais fracos, hoje diríamos uma "opção preferencial" pelos mais frágeis. Aqui também, é como se apressasse a dar um bastão aos "*imbecilles*", que não têm para apoiar sua fragilidade: "Para os fracos (*imbecilibus*) arranjam-se auxiliares (*solacia*), a fim de que não o façam com tristeza" (35,3).

É interessante notar que aqui, São Bento é sensível ao fato que o ser humano não é feito de compartimentos bem delimitados, mas é uma unidade, no qual, o corpo e a alma se influenciam mutuamente. Neste caso, a tristeza da alma pode ser gerada pela fragilidade física, e por isso o apoio às forças físicas, através da ajuda dos irmãos ou um pouco mais de alimento, contribui também para a alegria espiritual. E deseja que estes irmãos, recebem ajuda para realizar, o máximo possível, o serviço como os outros, isto é, para que possam viver plenamente a vida da comunidade, que possam também sentir-se úteis.

No Capítulo 40, que trata da medida da bebida, ou seja, do vinho, São Bento faz um raciocínio, que parece o contrário daquilo que diz no capítulo sobre o serviço da cozinha. Não se trata tanto de ajudar os fracos a fazer como o mais forte, mas se estabelece, para todos, a quantidade de vinho que é necessária para os mais fracos. O início do capítulo, nos mostra um São Bento inseguro e escrupuloso, que não se decide a dar para sua comunidade, um regulamento racional sobre a quantidade da comida e bebida, que não despreze a observância monástica. "Cada um recebe de Deus um dom particular, este de um modo, aquele de outro; por isso, é com algum escrupulo que

estabelecemos nós a medida para a alimentação de outros; no entanto, atendendo à necessidade dos fracos, (*infirmorum contuentes imbecillitatem*) achamos ser suficiente, para cada um, uma hêmina de vinho por dia" (RB 40,1-3).

Parece-me ver São Bento inquieto, com a caneta na mão, que pensa e repensa o que escrever sobre a quantidade do vinho. Teme ser muito permissivo, de permitir demais, de colocar na Regra um ponto fraco, que provocará decadência e vergonha em seus mosteiros. Pensa nos padres da vida monástica, que escrevem que "o vinho não é para os monges" (40,6). Está completamente tomado pelo escrúpulo, como escreve. Mas nele, o escrúpulo não é apenas pelo temor de ser pouco rigoroso, pouco severo. É justamente o contrário: teme ser muito severo, de prescrever uma lei que não considere as infinitas diferenças, dos dons espirituais e das constituições físicas, nos monges do seu tempo e do futuro. Mas, de repente, é como se seu escrúpulo e a sua inquietude, se resolvessem no momento em que escuta o seu coração, de pai misericordioso. Pensa na fraqueza dos enfermos, à *imbecillitas infirmorum*, e é como se gritasse: "Eureka! Encontrei!". A correta quantidade é aquela de quem tem menos forças, de quem é mais fraco, de quem precisa de um pouco de vinho para ter energia necessária para viver, para trabalhar, para se aquecer quando faz frio ou se refrescar, quando faz calor. Em suma, a fraqueza de quem é enfermo é a correta medida, é uma correta medida para todos, é não muito e não é muito pouco.

Mas, a parte o exemplo, que é muito especial, aquilo que desejo sublinhar é que neste capítulo, São Bento, nos confidenciou seu trabalho de discernimento, para tomar uma decisão que respeite todos os fatores, da vida e da vocação, de uma comunidade monástica. Poderia escrever, como em um código civil ou penal, que se leva uma multa, quando um motorista no teste do bafômetro, tem mais álcool no sangue que o permitido. No seu caso, poderia escrever que se beba uma hêmina de vinho por dia e nada mais. Mas não é isto que interessa a São Bento. A ele, não interessam as quantidades, as leis. A ele, interessam as pessoas, seu bem-estar, sua felicidade, e, assim, sua vocação. Por isso aproveita deste capítulo para nos comunicar sua incerteza, seu escrúpulo, mas também a sua tranquilidade e paz, quando encontra aquilo que é bom, principalmente, para os enfermos mais fracos. São Bento está em paz, quando respeita e ajuda a respeitar e viver a misericórdia, e acima de tudo, quando não perde de vista a necessidade de atenção e amor de quem é mais fraco, e ajuda os outros a fazer o mesmo.

Hoje, não sabemos mais quanto continha uma hêmina, e é melhor assim, porque a importância e atualidade deste capítulo 40 da Regra, não está na quantidade de vinho que se pode beber. Também a quantidade de álcool no vinho mudou em 1500 anos, e muitos outros fatores. Mas, que o discernimento de todas as coisas deve levar em conta os mais fracos, isto permanecerá sempre atual, como o Evangelho de Cristo.